

PESQUISA-AÇÃO SOBRE DETERMINANTES DE SAÚDE DE BANCÁRIOS: EM BUSCA DE SUPERAÇÕES DE PROPOSTAS DE GINÁSTICA LABORAL

Jéssica Félix Nicácio Martinez - Professora da UFG/FEF - Mestre em Ed. Física pela UFSC e pós-graduanda em Residência Multiprofissional em Saúde da Família/FURB/SC
Edgard Matiello Júnior - UFSC

RESUMO

Atualmente, nas instituições bancárias brasileiras, encontramos um duplo movimento: de um lado, os banqueiros com poder político e econômico que lhes assegura lucros de bilhões de reais anualmente; e de outro os trabalhadores, que enfrentam formas cada vez mais intensas de dominação do trabalho e enfraquecimento de suas capacidades de resistências. Somam-se a este cenário, as LER, terceirizações, precarizações do trabalho, doenças mentais, temor diário pelo desemprego e suicídios. Distante deste quadro de sofrimentos vem crescendo na Educação Física as propostas de ginástica laboral, que a nosso ver, oferecem práticas corporais que apenas compensam a deteriorização orgânica e psíquica dos trabalhadores, não atuando nas determinações que geram estes desgastes. Assim, os objetivos deste estudo foram analisar os determinantes sociais que deterioram as condições de vida e saúde de bancários e implantar e avaliar possibilidades alternativas de Educação Física relacionada à saúde que atendam as necessidades da categoria. Para tanto, empregamos em campo alguns pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação e os dados coletados foram analisados através da hermenêutica-dialética. Como conclusões, podemos afirmar que a construção e implantação do projeto *Educação Física com Saúde* constituiu-se como uma intervenção pedagógica que superou alguns limites identificados nas propostas hegemônicas de ginástica laboral, pois buscamos atender as necessidades e aspirações da categoria pelo entendimento do seu processo saúde-doença. Na nossa avaliação, a saúde foi um tema gerador de mobilização e participação, pois além de seu forte apelo na sociedade em geral, aproximou os trabalhadores do Sindicato e foi importante para o reconhecimento coletivo dos seus problemas.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Processo Saúde-Doença; Educação Física; Sindicato; Ginástica Laboral.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Na última década, no Brasil, o sistema financeiro vem intensificando os processos de reestruturação produtiva e automação dos seus serviços. Em um contexto marcado pela desnacionalização e concentração bancária, essas instituições alcançaram poder econômico e, fundamentalmente, político, que lhes garante influência decisiva na definição de políticas econômico-financeiras do país. Essas mudanças têm intensificado a exploração humana e a deteriorização das condições de vida e saúde de seus trabalhadores.

Neste sentido, enquanto as instituições financeiras superam recordes históricos de lucratividade, os bancários passam por mudanças extremamente insalubres e se submetem a sofrimentos extremos, tais como a demissão de milhares de trabalhadores; terceirização e

precarização do trabalho; exigência de cumprimento de metas de vendas de produtos; assédio moral e as constantes ameaças de privatização de bancos estatais. Enfim, são condições de vida e de trabalho que alteraram profundamente a saúde da categoria, e que se manifestam nas epidemias das Lesões por Esforços Repetitivos (LER), no elevado consumo de medicamentos anti-depressivos e álcool, problemas mentais relacionados à depressão e ao estresse e até mesmo grande ocorrência de suicídio.

Apesar do quadro dramático da realidade desses trabalhadores, a Educação Física brasileira tem proposto atividades de compensação dos desgastes da saúde, principalmente através de programas denominados Ginástica Laboral. Assim, ao invés de investigar os determinantes sociais que degradam a saúde dos trabalhadores e que lhes retiram poder de organização coletiva, a Educação Física atua na superfície dos problemas, utilizando o exercício como forma de melhorar as condições físicas e psicológicas dos trabalhadores para que eles suportem as agressões cotidianas do processo laboral.

A partir destas críticas ao que vem sendo produzido hegemonicamente em nossa área, estabelecemos parceria com o Sindicato dos Bancários de Florianópolis e Região para realizarmos investigação mais profunda e realista sobre as condições de vida e saúde. Assim, este trabalho tem como objetivos compreender os determinantes da deterioração da saúde dos bancários e implantar e avaliar possibilidades alternativas de Educação Física relacionada à saúde que atendam as necessidades da categoria.

DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NOS BANCOS NACIONAIS ÀS MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE DOS TRABALHADORES

A introdução de novos produtos, o avanço tecnológico e o investimento em qualificação/treinamento dos trabalhadores têm sido características fundamentais da nova organização do trabalho e da concorrência entre os bancos. Segundo Grisci e Bessi (2004) as inovações tecnológicas têm como objetivo enfraquecer a dependência do capital em relação ao trabalhador, além disso, o poder das organizações sobre os trabalhadores promove uma “desterritorialização” dos sujeitos, ou seja, buscam estratégias para que o trabalhador se sinta como membro de uma grande família, distanciando-os de suas origens sócio-culturais e os aproximando de maneira sedutora aos interesses da empresa.

As rápidas mudanças tecnológicas e organizacionais e a falta de participação dos trabalhadores nas decisões provocam insegurança entre os bancários pelo temor ao desemprego, achatamento salarial com repercussões no poder de compra dos salários e resistências quanto ao acúmulo de tarefas impostas por este novo contexto (PALÁCIOS; DUARTE; CÂMARA, 2002).

Em uma pesquisa (LPT/UnB; SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA, 2004) realizada com três bancos públicos, identificou-se que cerca de 13% dos bancários são alcoolistas. Os gerentes estão entre as funções que apresentam maior frequência (19%) com problemas relacionados ao uso abusivo ou nocivo de álcool. Apesar da maioria dos cargos de gerente ser ocupado por homens (84,7%), o número de mulheres nestas funções tem aumentado¹, assim como a dependência de álcool (15,3% das mulheres apresentaram problemas).

Segundo dados da Agência Brasil (2006), dos 2.609 bancários de 28 diferentes bancos públicos e privados no Brasil, mais de 40% sofrem agressões morais no trabalho e 30,52% se sentem estressados. As agressões duram quase o ano todo (11,13 meses) e em mais da metade dos casos (51,49%) ocorrem várias vezes por semana.

¹ Apesar do aumento no número de trabalhadoras em instituições bancárias, ainda persistem as formas de discriminação ocupacional e salarial, assim como, de exclusão econômica da mulher, em diferentes funções, do mercado de trabalho (JINKINGS, 2002).

De 2000 a 2004, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) divulgou o aumento de 65% no número de diagnósticos de trabalhadores bancários com transtornos mentais (SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE PERNAMBUCO, 2006). De acordo com estudo com caixas do Rio de Janeiro, as agressões dos clientes e o medo constante em cometer erros trazem consequências negativas à saúde mental destes trabalhadores. Estes bancários consideram seu trabalho repetitivo, agressivo, monótono e que exige intensa atenção, além de relatos da existência de fiscalização velada exercida pelos colegas, chegando a ponto de denominar alguns bancários de “boing” ou “teco-teco”, segundo a velocidade que realizam os atendimentos (PALÁCIOS, DUARTE; CÂMARA, 2002).

Os processos de automação e intensificação do trabalho fizeram emergir a questão da saúde, sobretudo das LER, com enorme crescimento na década de noventa, e que, portanto, exigiram freqüentes negociações coletivas pela organização sindical dos bancários. De acordo com Pennella (2000), o Programa de Prevenção, elaborado e coordenado pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, estimou que em cada 100 bancários dez já tivessem lesões e outros dez apresentem os sintomas iniciais da doença.

Comparativamente, nos anos de 1993 a 1996 houve um crescimento superior a 100% no investimento em formação e treinamento, de US\$ 80 milhões para US\$ 174 milhões, respectivamente. Enquanto isso, nos últimos vinte anos o número de bancários caiu pela metade, de 800 mil para 400 mil trabalhadores, sendo que somente no período de julho a dezembro de 1996 foram eliminadas 147.833 vagas no setor (LARANGEIRA, 1997; MOTTA, 2006).

O emprego bancário é afetado diretamente pela incorporação dos pressupostos dos programas de “qualidade total”, que direcionam os novos “negócios” dos bancos, nos quais a concepção de qualidade significa produzir mais com menores custos. Os ajustes organizacionais determinados por estes programas incluem intensificação tecnológica, desenvolvimento de um sofisticado sistema de comunicação empresa-trabalhador, criação de equipes “de qualidade” nos locais de trabalho e contratações e remunerações flexíveis de acordo com o desempenho do funcionário e da sua unidade de trabalho no cumprimento de metas (JINKINGS, 2002).

OS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa adotou enfoques da pesquisa-ação para compreensão das condições de vida e de saúde dos bancários de Florianópolis na medida em que existiu participação da pesquisadora junto aos sujeitos a serem investigados, buscando estabelecer uma relação de confiança e, conseqüentemente, uma melhor apreensão e interpretação das informações.

A investigação teve como campo de pesquisa o Sindicato dos Bancários de Florianópolis e Região. Para o entendimento do processo saúde-doença, nos apoiamos nos referenciais da Epidemiologia Crítica (BREILH, 2006), que representa uma vertente do pensamento emancipador da América Latina. De forma geral, este campo de conhecimento busca compreender a saúde em sua integralidade e como resultante de um processo, assim, a saúde-doença foi abordada como inserida em um contexto social, e envolve desde os processos mais amplos da estrutura político-ideológica da sociedade, até os processos particulares de uma classe ou grupo, bem como a quotidianidade familiar e pessoal dos sujeitos.

Nos fundamentamos, também, no método de educação libertadora de Paulo Freire e das leituras das pedagogias críticas da Educação Física, como Coletivo de Autores (1992) e Kunz (2003), para nos dar subsídios para intervenção pedagógica junto ao Sindicato.

Como estratégias para entendimento da saúde dos bancários optamos pela análise das publicações do jornal do Sindicato, entrevistas com lideranças sindicais e realização de uma

intervenção educacional, na sede da entidade sindical, através de aulas de Educação Física, utilizando conhecimentos do yoga e técnicas de relaxamento.

A análise da Folha Sindical foi realizada através de análise de conteúdo, a partir da técnica de Análise Temática, que segundo Minayo (2006) é uma das melhores formas de investigação qualitativa do material sobre saúde. A análise do material coletado nas avaliações (transcrições das fitas) e entrevistas com as lideranças sindicais foi realizada com base nos pressupostos da hermenêutica-dialética. Esta proposta sugerida por Minayo (2006) busca entender o interior das falas dos sujeitos considerando a influência do contexto histórico-social no qual estão inseridos. Compreende que os indivíduos são condicionados pelo momento histórico em que vivem e que, por esta razão, podem ter interesses coletivos que os unem e interesses específicos que os distinguem e os contrapõem.

PRINCIPAIS RESULTADOS, DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

Podemos perceber ao longo da história do Sindicato que a saúde foi pouco reivindicada. Mesmo na explosão da automação bancária na década de noventa, com o aumento exacerbado de doenças profissionais, este tema mostrou-se não ser prioridade nas estratégias de ações.

Na aproximação com a entidade sindical pudemos observar que mesmo diante de dificuldades de concretizar aspirações e implantar políticas permanentes, existem preocupações quanto às condições de saúde dos seus associados. As lideranças relataram o aumento das LER, do estresse, de doenças mentais e alcoolismo, e o exagerado uso da “droga do bancário”, conhecida como “fluxetina” (nome genérico de antidepressivo). Porém, também admitem os poucos avanços em pesquisas e ações da Secretaria de Segurança e Saúde do Sindicato, o que traz problemas tanto estratégicos no plano das ações, quanto de recursos humanos.

Na análise que fizemos sobre as publicações do Jornal, observamos que a palavra saúde não aparece nenhuma vez na primeira página ou de forma destacada nas reportagens, com exceção quando relacionada ao calendário da campanha salarial, especificamente anunciando um encontro estadual de saúde.

Há um distanciamento cada vez mais profundo da ação sindical e a realização dos anseios e desejos dos trabalhadores, indicando uma falta de participação, organização e envolvimento da base, fato este reivindicado pelos bancários que fizeram parte do Projeto Educação Física com Saúde. Eles questionam a participação do Sindicato só em “setembro e outubro” (meses em que geralmente acontece a campanha salarial) e solicitam uma aproximação das necessidades da categoria, “abrindo as portas do sindicato” por meio de propostas que estimulem a participação dos trabalhadores.

Neste sentido, um outro complicador diagnosticado pelos dirigentes sindicais de Florianópolis é a falta de políticas permanentes, em todas as secretarias, que podem ser reflexos da falta de formação político-ideológica e de consciência de classe dos sindicalistas e trabalhadores.

A importância de ter desenvolvido o Projeto na entidade sindical possibilitou, a nosso ver, algumas mudanças relevantes, pois: i) os bancários viveram, pelo menos duas vezes por semana, a rotina do Sindicato; ii) eles participavam de forma mais efetiva da sua programação, sentindo-se como parte integrante da instituição; iii) os participantes conheceram melhor os dirigentes e funcionários do Sindicato e iv) essa aproximação foi importante para que os bancários construíssem redes de interação e solidariedade, principalmente em momentos de campanha salarial, onde trocavam informações sobre seu local de trabalho.

As declarações de vários bancários que participaram de nossa pesquisa destacam a importância do Projeto para aproximação ao SEEB:

Acho que isso [projeto] é um pequeno passo para aquilo que eu acho que eles deveriam estar fazendo, até para fortalecer a categoria, até para unir mais a categoria (PARAIBAN)².

Eu acho que este projeto aproximou, me trouxe mais aqui, porque antes eu vinha muito pouco, quando era chamada para uma assembléia, quase não vinha. Agora eu me sinto mais em casa aqui, porque é o que eu sempre falo para os meus colegas, o Sindicato somos nós, poxa se somos nós eu acho que está precisando aproximar (CREDIREAL).

É do envolvimento com o Sindicato que confirmamos a pertinência de se compreender o movimento sindical como dinâmico e contraditório. Ao acompanharmos de perto as suas rotinas, percebemos o quanto seus dirigentes e trabalhadores reproduzem, longe das agências, muito daquilo que combatem, pois a intensidade de suas pautas de lutas não lhes permite sequer dez minutos de pausa. Além disso, entre eles também já figuram pessoas com desgaste evidente, até mesmo com LER, de tanto atuarem na defesa e escreverem textos de formação crítica para seus colegas. Isto demonstra o quanto ainda nos resta a fazer!

Em uma visão do conjunto das informações, isto pode representar a categoria empírica *participação*, a qual identificamos como expressão das vivências dos bancários no projeto e síntese das análises advindas da pesquisa-ação. Esta categoria pressupõe envolvimento, presença, compromisso e conquista diária. Objetivamente significa que os bancários desejam que seu Sindicato seja próximo de suas realidades e de seus cotidianos e organizado para criar mecanismos que revitalizem união, fortalecimento e a luta permanente da categoria por condições de vida e de saúde dignas.

Diante disso e conforme identificamos junto com os bancários, necessita-se priorizar a formação política permanente dos seus dirigentes, resgatando o conceito de consciência de classe; romper com a cultura economicista de sua atuação apenas em campanhas salariais; sensibilizar as lideranças pelos problemas dos trabalhadores aproximando-os dos locais de trabalho; e criar políticas permanentes em todas as suas Secretarias. Acreditamos que todas essas mudanças propostas vão ao encontro de um objetivo muito maior e complexo, que é o de instaurar uma contra-hegemonia à lógica destrutiva do capital financeiro.

Quanto à atuação das propostas de ginástica laboral para saúde e organização coletiva dos trabalhadores bancários, salientamos que se considerarmos as perdas acumuladas por essa categoria profissional nas últimas décadas e a deteriorização de suas condições de vida e saúde, obviamente não seria uma atividade com suas características suficiente para transformar a essência daquilo que, de fato, degrada a vida dos trabalhadores nesse setor, ou seja, o próprio modo de produção e exploração capitalista aí instalado. Pelo contrário, da forma como ela vem sendo requisitada pelo empresariado e é desenvolvida pela Educação Física, representa muito mais uma maneira de acomodação das tensões sociais; de dissipação das fortes contradições do processo produtivo; de despolitização do ato laboral e desmobilização da luta sindical; de individualização da conquista pela saúde e de compensação paliativa aos desgastes físicos e psíquicos dos trabalhadores. Afinal, a ginástica laboral também vem sendo identificada como ginástica compensatória...mas, compensatória a quê, senão à entrega da saúde ao processo produtivo!?

² Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes foram substituídos pela denominação de bancos privatizados ou federalizados brasileiros, manifestando nosso apoio aos Sindicatos pela luta ao patrimônio estatal e crítica à política neoliberal, que tem em uma das suas estratégias o fortalecimento do controle estrangeiro e enfraquecimento do Estado.

Neste sentido, não é difícil constatar que a ginástica laboral não é suficiente para transformar este cenário. Afinal, em resposta à questão de Arruda (1997): “qual educação interessa à classe trabalhadora?”, na nossa avaliação, é aquela que busca instrumentos que defendam a libertação e autonomia dos trabalhadores e que aponte para mudanças na realidade social tão injusta e desigual na qual vivemos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. *Quase metade dos bancários sofre agressões morais no trabalho, revela pesquisa*. 2006. Disponível em: <<http://www.seebfloripa.com.br>> Acesso em: 11 de jul. de 2006.

ARRUDA, Marcos. A formação que interessa à classe trabalhadora. *Forma e Conteúdo*, v.1, p. 23-27, 1997.

BREILH, Jaime. *Epidemiología crítica: ciência emancipadora e interculturalidade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

GRISCI, Carmen Ligia Iochins; BESSI, Vânia Gisele. Modos de trabalhar e de ser na reestruturação bancária. *Sociologias*, n.12, p. 160-200, jul./dez., 2004.

JINKINGS, Nise. *Trabalho e resistência na “fonte misteriosa”: os bancários no mundo da eletrônica e do dinheiro*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 5. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

LARANGEIRA, Sônia M. G. Reestruturação produtiva no setor bancário: a realidade dos anos 90. *Educação & Sociedade*, ano XVIII, n.61, p. 110-138, dezembro, 1997.

LTP/UnB; SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA. Laboratório de psicologia do trabalho/ Universidade de Brasília. *Saúde mental e trabalho dos bancários* (resumo). Brasília, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOTTA, Claudia. *Bancos economizam quando empurram clientes para fora das agências*. 2006. Disponível em: <<http://www.seebfloripa.com.br>> Acesso em: 02 ago. 2006.

PALÁCIOS, Marisa; DUARTE, Francisco; CÂMARA, Volney de Magalhães. Trabalho e sofrimento psíquico de caixas de agências bancárias na cidade do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, v.18, n.3. p. 843-851, maio-junho, 2002.

PENNELLA, Isabela. *LER: uma jornada de sofrimento no trabalho bancário*. 2000. 197f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, [2000].

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE PERNAMBUCO. *Empregado do Santander com depressão é reintegrado*. 2006. Disponível em: <<http://www.seebfloripa.com.br>> Acesso em: 10 mar. 2006.

Contato: jessicafelix01@yahoo.com.br – (62) 81351194